

ARTIGO ORIGINAL

## Comunicação na não presencialidade: reflexões sobre o ato de ensinar

**Filipe Antônio Araújo Moura**

Universidade Tiradentes,  
Aracaju, Brasil  
[carlospraxedes@gmail.com](mailto:carlospraxedes@gmail.com)

**Andrea Karla Ferreira Nunes**

Universidade Tiradentes,  
Aracaju, Brasil  
[andreaknunes@gmail.com](mailto:andreaknunes@gmail.com)

### RESUMO

Este artigo trata-se de um recorte derivado de projeto de pesquisa com maior dimensão, dissertação de mestrado, direcionada ao estudo de currículo e competências a dialogar com a formação continuada, buscando tecer concatenações entre o termo comunicação a partir Chaves (2015), Do Valle (2015) e Matos (2009) em consonância ao *Project Management Body of Knowledge* (2013), e reflexões de forma finalística a cerca do contexto midiático contemporâneo através de Han (2017), Buckingham (2010) e Hall (2003).

**PALAVRAS-CHAVE:** Não presencialidade; Comunicação; Educação.

RECEBIDO EM 07/08/2022  
ACEITO EM 05/10/2023



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

## Comunicação en la no presencialidad: reflexiones sobre el acto de enseñar

### RESUMEN

Este artículo es un extracto derivado de un proyecto de investigación mayor, disertación de maestría, que tuvo como objetivo estudiar el currículo y las habilidades para dialogar con la formación continua, buscando tejer concatenaciones entre el término comunicación de Chaves (2015), Do Valle (2015) y Matos (2009). ) en línea con Project Management Body of Knowledge (2013), y reflexiones finalistas sobre el contexto mediático contemporáneo a través de Han (2017), Buckingham (2010) y Hall (2003).

**PALABRAS CLAVE:** No presencia; Comunicación; Educación.

## Communication in non-presentiality: reflections on the act of teaching

### ABSTRACT

This article is an extract derived from a larger research project, master's dissertation, aimed at studying curriculum and skills to dialogue with continuing education, seeking to weave concatenations between the term communication from Chaves (2015), Do Valle (2015) and Matos (2009) in line with the Project Management Body of Knowledge (2013), and finalistic reflections about the contemporary media context through Han (2017), Buckingham (2010) and Hall (2003).

**KEYWORDS:** Non-presence; Communication; Education.

## 1 INTRODUÇÃO

O ato de ensinar remonta aos primórdios da humanidade, ação primária a perpetuação de saberes construídos e validados pelas gerações que promoveram, por sua vez, o desenvolvimento das múltiplas ciências que compõem a sabedoria do ser contemporâneo. A educação como uma arte, sua prática demanda do desenvolvimento ao decorrer de consecutivas contribuições ao decorrer da história humana, marcos civilizatórios cada vez melhor aparelhadas para empreender o ato de educar, para assim, como afirmava Kant (1999, p.19) “desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas e, assim, guie toda a humana espécie a seu destino”.

Não obstante, conceber a existência de um indivíduo que conduza processos de ensino intui a também presença daqueles que fomentem tal prática, seja pela necessária aquisição de novos conhecimentos, seja pelo reavivamento de memórias importantes ao seu processo formativo. Assim se impõe a necessidade de escuta ao educando, seus questionamentos e/ou inseguranças, em sua incompetência provisória (FREIRE, 2019), para que o professor ao se adaptar, adquira habilidades fruto de tais experiências vivenciadas.

O saber do professor é assim produzido socialmente, nunca oriundo unicamente do próprio indivíduo, mas sim, derivado das negociações entre diversos grupos (TARDIF, 2014), ações e relações, em especial com o aluno, parte essencial do processo e a quem se demanda um constante aperfeiçoamento no que tange ao ato de comunicar<sup>1</sup> — ser compreendido, fazer-se compreensivo, promover a aquisição e produção de saberes.

Oriunda de uma palavra de origem latina, *comunicare*, o termo comunicação vem assim a significar: ação de partilhar, de dividir. Definida como o processo que envolve a transmissão e a recepção de mensagens entre uma fonte emissora e

<sup>1</sup> Comunicar vem do latim *communica*, *-are*, pôr ou ter em comum, repartir, dividir, reunir, misturar, falar, conversar (PRIBERAM, 2022). Empreende-se aqui a ideia de se compartilhar o conhecimento com o alunado, permitindo a ocorrência de trocas a partir do fluxo de informações.

um destinatário receptor, a comunicação é a prática em que as informações são codificadas na fonte e decodificadas, por exemplo, em signos ou símbolos sonoros, escritos iconográficos ou gestuais, no destino.

Comunicação também pode ser interpretada como a forma como as pessoas se relacionam entre si, dividindo ideias, experiências, sentimentos, e sobretudo informações, modificando a sociedade onde estão inseridas mutuamente. Cabe destacar que é de fundamental importância o “sentido” da informação disseminada, pois o agente receptor deve compreender o que lhe foi transmitido para se fazer valer a eficiente comunicação entre as partes, contexto crucial dentro da dinâmica professor-aluno, pois é objetivo fundamental a compreensão do conteúdo apresentado.

Neste sentido, ensinar não deve reduzir-se a mera transferência de saberes, mas sim, a um empreender esforços em prol de uma jornada de promoção de possibilidades (FREIRE, 2019), estas que fecundarão os alicerces do desenvolvimento humano, enquanto criaturas que anseiam por cada vez maior eficiência do uso de seus dispositivos, tecnologias, e contextos de mediação. Os “germes” habitam o homem e nele devem desenvolver-se sempre mais (KANT, 1999, p.23), assim como os conhecimentos ampliam horizontes de influência e relevância social, as formas de aquisição dos mesmos metamorfoseiam-se como processos adaptativos.

Ao professor contemporâneo é colocado de forma imperativa e não negociável a aquisição de competências que dialoguem com a cadência própria dos novos modelos de exposição e mediação de conteúdos em suas práxis. Em outras palavras, o exercício da profissão docente não se reduz à apresentação de conteúdos relevantes a um dado currículo e planejamento pedagógico, mas sim, ao domínio de expertises que até pouco tempo apenas eram associadas a comunicadores do *mainstream* e produtores de conteúdos digitais, *digital influencer*.

Trata-se aqui, a título de exemplo, da produção de conteúdos audiovisuais, a utilização de *softwares* de edição, promoção de um diálogo mediado por plataformas

digitais, conscientização da comunidade discente no que se refere ao processo de busca e refinamento de informações disponibilizadas no ambiente virtual, etc. Neste sentido, outro ponto a destacar é a variabilidade na dinâmica adotada para a prática do ensino, pois para além das características oriundas da individualidade de cada professor, ou dos parâmetros curriculares pré-estabelecidos, o ambiente em que os processos são conduzidos varia.

Este artigo trata-se de parcela integrante de dissertação de mestrado defendida em 27 de setembro de 2022 junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes, Aracaju, Sergipe, intitulada “ENSINO DA MATEMÁTICA POR MEIO DO YOUTUBE: PLANEJAMENTO DOCENTE E CURRÍCULO EM MOVIMENTO.

Tal estudo tem por objetivo geral o de analisar como os professores de Matemática que utilizam a plataforma YouTube desenvolvem seu planejamento didático e suas competências considerando a Base Nacional Curricular – Formação Continuada, sendo ainda respaldada pelo projeto proposto à quadrienal 2021-2024 intitulado “DOCÊNCIA E CONTEMPORANEIDADE: ENTRE PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO, CURRÍCULO, GESTÃO E PLANEJAMENTO”. Assim se constitui o universo de análise a ser explorado dentro do seio acadêmico.

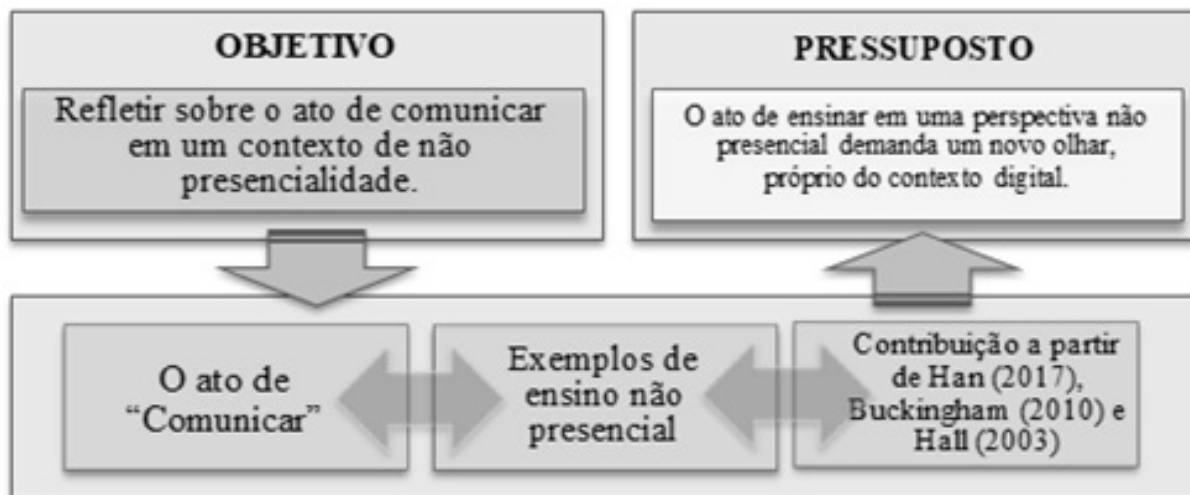
## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

Conduzida a partir do “paradigma qualitativo”, — o que conforme Coutinho (2014, p.28) trata-se da investigação de ideias, do ato de descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais — baseia-se em nível metodológico a uma perspectiva indutiva, o que em outras palavras, trata-se do desenvolvimento de significados enquanto inseridos dentro de um dado contexto.

O presente estudo faz uso de levantamentos bibliográficos pois serão estudados livros, pesquisas científicas e autores relevantes à temática aportada, sempre a primar por uma análise minuciosa (GIL, 2008). Configura-se ainda como explicativa e documental, ao passo que almeja **refletir** sobre o ato de comunicar em um

contexto de não presencialidade, compreendendo ainda ser o ato de ensinar, em tal perspectiva, demandante de um novo olhar próprio do contexto digital.

FIGURA 1 – Percurso metodológico.



Fonte: Próprios autores.

A pesquisa se justifica pela necessidade de aprofundar o diálogo sobre o ensino mediado pelo digital, seja pela adoção da modalidade Educação a Distância - EaD, pelo contexto paliativo remoto ou o promovido por uma *social media*, plataforma YouTube. Além disso, por se tratar de parcela fundamental a produção textual submetida à apreciação por banca de defesa e assim adquirir relevância para além das delimitações propostas por este artigo.

A significação dos termos que orbitam o verbo “comunicar” foi obtida a partir de Chaves (2015), Do Valle (2015) e Matos (2009) com vistas clarear a nebulosa concepção sobre tal termo. Tais autores em suas obras aqui referenciadas tratam da comunicação em variados estratos, repletas de sugestões, tais estudos auxiliam a compreensão dessa área do conhecimento humano que tanto pode alavancar, com também restringir a convivência humana em seus mais variados contextos, inclusive na Educação.

Importante salientar consonância ao *Project Management Body of Knowledge* - PMBOK, guia de melhores práticas voltadas ao universo do gerenciamento de

projetos, assim como do mesmo a partir da publicação promovida pelo *Project Management Institute* – PMI. Esse documento consiste em uma padronização que identifica e conceitua o que pode ser aplicado em termos de processos, ferramentas e técnicas da gestão de projetos.

Os autores utilizados para tecer o diálogo proposto foram adotados por se tratarem de figuras a refletir sobre o uso das tecnologias digitais, compreendendo ambos, a necessidade de se ater as peculiaridades e matrizes de mudança perante a sociedade hodierna.

As reflexões indicadas nas próximas seções compreendem um esforço de aproximação aos estudos de Educação e Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC a perspectiva de ensino não presencial, subsidiado por essas em prol da produção de conteúdos audiovisuais de ensino/aprendizagem.

### 3 COMPREENDENDO O ATO DE COMUNICAR

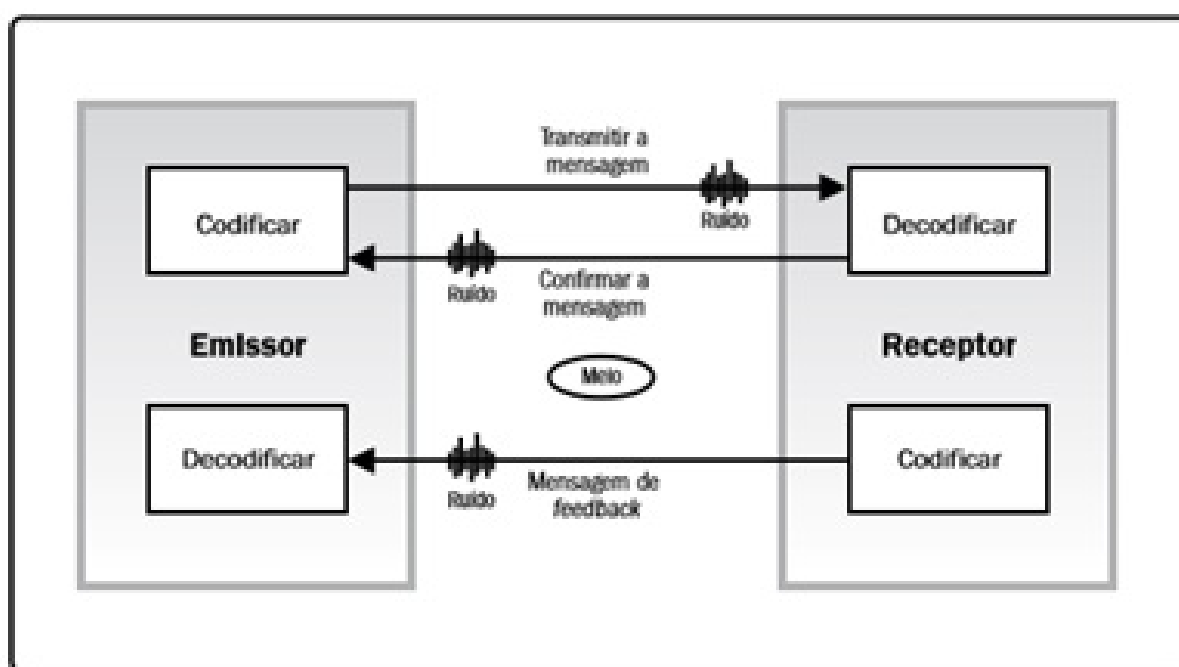
Um dos pioneiros a teorizar modelos de comunicação, Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), definia que tal processo necessita primordialmente de três elementos, dos quais, aquele que fala se trata da pessoa que tenta informar, aquele que a escuta e a informação, criando assim a base dos modelos de comunicação atual (CHAVES, 2015). Concebe-se assim a existência de um emissor, de uma mensagem e de um receptor. Poderia ainda ser compreendido como — aquele que trás a informação é denominado de fonte, no outro lado está o receptor, sendo aquilo a que se comunica a mensagem.

Mensagens podem ser propagadas por meio de palavras, gestos, olhares, movimentos do corpo. Tendo em vista que são diferentes as formas de emissão e recepção, podem vir ainda a adquirir maior riqueza de valores a partir da mescla de sentidos humanos estimulados — visão, audição, tato, etc. As formas como as ideias são representadas são chamadas de signos, que por sua vez, quando

em conjunto, formam os chamados códigos, a exemplo do código Morse, língua portuguesa e Libras.

Em comum, os termos fazem-se presentes nos mais variados processos comunicativos independente dos códigos assumidos para a devida padronização de dados/informações (com vistas a atender critérios de coesão e coerência), sendo componentes intrínsecos ao ato de comunicar.

FIGURA 2 – Modelo Básico de Comunicação.



Fonte: PMI (2013, p.294).

Compreende-se assim como de fundamental importância o devido aprofundamento no que se referem a tais termos, parcelas integrantes à comunicação:

**Fonte e emissor** são conforme Matos (2009, p.5) a “nascente de mensagens e iniciadora do ciclo da comunicação. Sistema (pessoa, máquina, organização, instituição) de onde provém a mensagem, no processo comunicacional”. Para o autor, emissor é protagonista neste processo ao passo que ele é quem produz a mensagem para um dado destinatário, o que em outras palavras, é aquele que pronuncia ou envia uma mensagem, também sendo chamado de remetente (MATOS, 2009).



**Receptor** é aquele que recebe a mensagem enviada pelo emissor. Como a mensagem é destinada a ele, também é chamada de destinatário, denominação essa comum no trato com correspondências, em envelopes de correios, por exemplo. Ainda segundo Matos (2009, p.5) trata-se daquele que “recebe a informação e a decodifica, isto é, transforma os impulsos físicos (sinais) em mensagem recuperada”.

A **mensagem** na comunicação humana existe em forma física: há a tradução de intenções, ideias e objetivos num dado código. O emissor utiliza uma combinação de símbolos para expressar a sua intenção comunicativa, tratando-se de uma estrutura organizada de sinais e principal objetivo da comunicação, configurando-se como um produto físico real do codificador/fonte (MATOS, 2009). Em suma, mensagem é o conteúdo que é expedido, enviado.

Outro importante fator a ser levado em consideração é o **meio de comunicação**, aquilo a que Matos (2009) compreende como suporte material a veiculação da mensagem de um emissor a seu receptor através do espaço-tempo. Dentro deste processo de veiculação encontram-se os **códigos**, e suas **decodificações**.

Códigos são aglomerados de símbolos capazes de serem estruturado de modo a determinarem alguma ideia, a exemplo da língua portuguesa que possui um conjunto de elementos, estes denominados de vocabulário, entendido ainda como o apanhado de métodos que permitem combinar elementos de forma a atribuir-lhes significado. Importante fazer a devida distinção do termo Linguagem, aquilo que para Matos (2009, p.6) é “qualquer sistema de signos (não só vocais ou escritos, como também visuais, fisionômicos, sonoros, gestuais, etc.) capaz de servir à comunicação entre os indivíduos”. Ao ser codificada uma mensagem, função essa do emissor, cabe ao mesmo decidir quais os elementos a utilizar e como é possível combiná-los, buscando a compreensão do então receptor.

Neste sentido, entende-se por código, o conglomerado de signos correlacionados e assim, aptos à formação e transmissão de certa mensagem. A título de exemplo, a própria escrita é um código no qual se transforma dados acústicos em uma mensagem

gráfica. Já a decodificação é a interpretação da mensagem pelo receptor (MATOS 2009), este a fazer uso de um código adotado pelo emissor, sendo assim, algo predefinido. O meio onde se inclui o modo de comunicação, também é conferido à existência de **ruídos**, estes entendidos como qualquer forma de interferência ou obstáculo, que possa comprometer a transmissão de uma dada mensagem.

Segundo o *Project Management Institute*, na

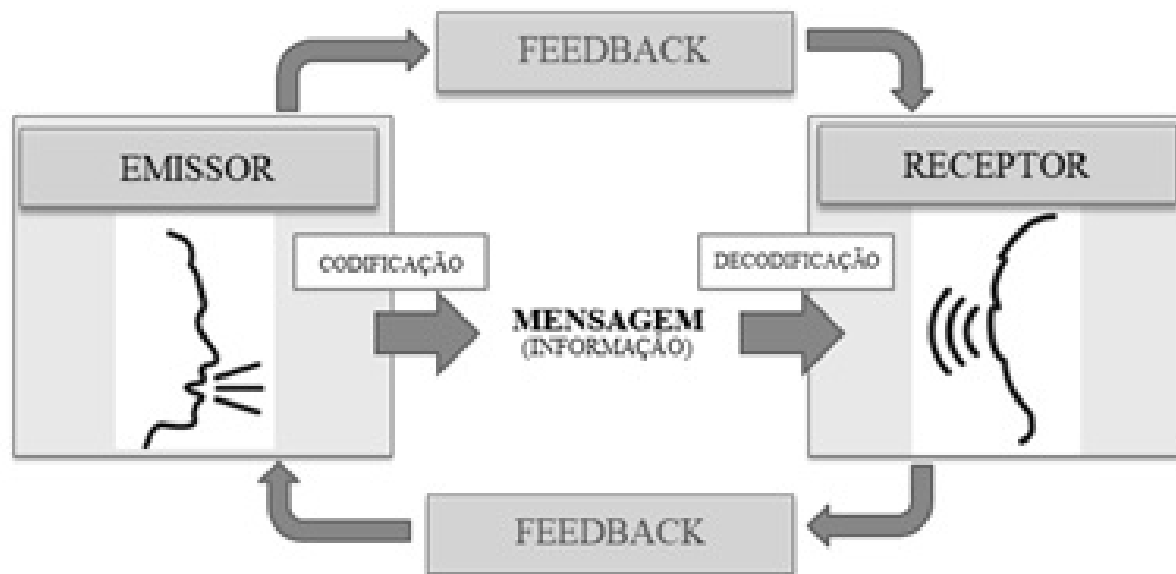
[...] transmissão da mensagem, as informações são então enviadas pelo emissor usando o canal de comunicação (mídia). A transmissão dessa mensagem pode ser comprometida por vários fatores (por exemplo, distância, tecnologia desconhecida, infraestrutura inadequada, diferença cultural e falta de informações prévias). Esses fatores são coletivamente chamados de ruído (PMI 2013, p.293).

Sendo assim, ruído é todo sinal indesejável no processo de transmissão de uma mensagem e que dificulta o ato comunicacional gerando perturbações na compreensão de uma dada mensagem (MATOS, 2009).

Por fim, **feedback** é entendido como a reação do receptor a informação dada pelo emissor, ação de informar ao emissor sobre o impacto da sua mensagem sobre esse receptor, caracterizando ou não, o sucesso na realização do seu objetivo comunicativo, entendido como “mensagem recebida ser decodificada e entendida, o receptor codifica pensamentos e ideias em uma mensagem e em seguida a transmite ao emissor original” (PMI 2013, p.293).

Ao responder, o receptor exerce controle sobre as futuras mensagens que o emissor venha a codificar, promovendo a continuidade da comunicação.

FIGURA 3 – Modelo de Comunicação com *feedback*.



Fonte: Próprios autores.

Ocorre que, sendo compensador o *feedback* dado, o emissor tenderá manter seu comportamento, ao passo que se não o for, este o modificará, buscando suas probabilidades de êxito. Logo, na prática da comunicação, a compreensão deve ser mútua entre emissor e receptor, devendo ocorrer através do retorno da mensagem. Sem o *feedback* o emissor não terá como conferir eficácia a transmissão da mensagem (MATOS, 2009). Trata-se de uma manifestação do receptor que vem a possibilitar ao emissor poder certificar-se que a mensagem enviada foi compreendida. O retorno da informação assim configura-se como uma garantia do prosseguimento do fluxo de mensagens, sendo de fundamental importância para a resolução de falhas no processo comunicativo.

Partindo do pressuposto que a fonte codificadora espere que o receptor ao obter sua mensagem, a compreenda, acate e por fim a execute, esse contexto define a função básica da comunicação, e neste sentido, a fluidez em um contexto de ensino-aprendizagem. Existem vários modelos de comunicação que variam de acordo com o momento e local em que os mesmos venham a ser empregados buscando facilitar a troca de informações, direta ou indiretamente, de acordo com as complexidades e particularidades dos contextos de uso.

Importante ainda perceber a existência de vários estágios a que uma situação demandante de solução pelas partes em diálogo se encontre, algo que pode tornar-se ainda mais desafiador em decorrência de limitações comunicacionais como por exemplo, um aluno com necessidades especiais.

Enquanto existem contextos onde a informação pode ser compreendidos de forma clara e direta, a exemplo de um relógio ou uma peneira, as quais sabe-se sua finalidade, existem situações outros oriundos de certo grau de abstração, hora mostrando-se ambíguos ou de difícil compreensão, como texturas e sabores por exemplo.

A habilidade de (de)codificação de símbolos permite aprender e transmitir informações, o que conseqüentemente, permite melhores reflexões e desdobramentos das lições aprendidas. Cabe salientar que apenas uma aproximação do que se quer realmente comunicar pode inviabilizar a compreensão da informação, haja vista a possibilidade da presença de vícios ou falhas (DO VALLE, 2017).

Falar em comunicação ainda demanda a compreensão de dois *modus operandi*:

A comunicação **Não Verbal**, que pode ser compreendida como todas as formas que não carecem da adoção direta de palavras (MATOS, 2009), mas que por outro lado, fazem uso do corpo, do tom de voz, da cor da pele e dos cabelos, das expressões oriundas das formas de se olhar para algo ou alguém, dentre outras fatores que podemos perceber sem o uso de palavras, que são passadas pelo transmissor.

Observados (in) diretamente pelos receptores, em intensidades variadas, a comunicação não verbal é importante ponto a merecer cuidado de acordo com as circunstâncias. Aproximadamente 55% de todas as comunicações são não-verbais (MULCAHY, 2008, p.304), aquilo a pode ser compreendido como maneirismos físicos, muitos desses não passíveis de ser controlados por quem está transmitindo a mensagem. Basta observar reações como a cor rosada no rosto em pessoas que ficam tímidas ao falarem em público, ou que não conseguem diminuir a abertura de suas íris quando nervosas.

E a comunicação **Verbal**, esta que pode ser falada ou escrita, bem exemplificada em periódicos impressos e/ou digitais ao fazerem uso da forma escrita para transmitirem suas informações aos receptores, codificando a mensagem em palavras e frases onde ambos entendem a codificação. Ocorre que, as dificuldades de comunicação vêm à tona, à medida que palavras venham a se apresentar em graus variedade de sentido. Em outras palavras, entende-se que o sentido das palavras não está nas mesmas, mas sim, nos emissores.

Atualmente, o maior problema é que, por vezes, se é feita a utilização de certos meios de comunicação sem pensar que podem apresentar algum problema, a exemplo de um simples *email*, quando não se é concebida a possibilidade do mesmo não ser entregue. Existe uma série de dispositivos em que suas ausências se tornaram inconcebíveis, a exemplo da *internet* que se é feito o uso de forma tão constante quanto outras atividades triviais a nossa condição contemporânea. São diversos os meios de comunicação, muitos deles *on-line* (*internet*, telefone, fax, etc.), outros *off-line* (cartas, etc.), mas cada um influencia de certa forma o entendimento da informação que está sendo transmitida.

Conforme Santaella (2016), a máquina de Turing e a arquitetura Von Neuman, de quem deriva o processamento computacional tal como o conhecemos, embora e sem dúvida se tratasse de uma máquina física, estava longe de se limitar a uma existência unicamente mecânica. Isso é comprovado pelo seu desenvolvimento até os dias atuais, e especialmente nas suas múltiplas aplicações, acessíveis por meio das mais diferentes interfaces, derivando em consequências que tem provocado na cultura, economia, política e na sociedade como um todo, um galopante crescimento.

No momento em que se é vislumbrada uma videoconferência de cunho pedagógico em que se é visada a troca de informações entre partes que se encontram distantes fisicamente, inexistente, corriqueiramente, um pensamento que conceba a possibilidade de que algo possa apresentar falhas e impossibilitar tal atividade,

como uma queda de energia, por exemplo. Quando funcionam corretamente esses meios de comunicação auxiliam o processo de comunicação, pois fazem com que a mensagem chegue mais rápida e clara aos receptores, por outro lado, quando possuem algum tipo de problema, podem prejudicar essa compreensão. Tais problemas são considerados como ruídos provocados pelos meios de comunicação (MELO, 2000).

Ao se lançar um olhar ao “meio”, identifica-se um grande salto, haja vista as grandes mudanças no que diz respeito aos espaços e tempos no ato de aprender. Entender como o meio pelo qual a informação será transmitida é uma boa saída para prever as suas influências negativas e tentar aumentar as suas influências positivas. O contexto educacional é transpassado por todos os termos aqui esmiuçados, sendo a ação docente não resumida exclusivamente a como o professor atua, mas também, inclusive, de como o aluno entende como aquele atua (FREIRE, 2019), neste sentido, o processo comunicativo transcende o processo de disseminação de saberes ao passo que informações são transmitidas inclusive através ações, premeditadas ou não pelo docente.

Por vezes, decorrentes da identidade profissional ou do meio utilizado, a mensagem transmitida pelo profissional da educação gera novos conhecimentos criados, novos processos adaptativos no ato de se apreender conhecimento, novos enlaces e desafios a fomentar o avanço do ato de se ensinar, assim como do de se aprender.

### 3.1 Reflexões a cerca do ensino não presencial

É sabido que o contexto de ensino presencial no Brasil já vem a algumas décadas dividindo espaço com o Ensino a Distância — EaD, essa regida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação — LDB (BRASIL, 1996) e suas portarias. Inicialmente operando-se por meio de correspondência, baseava-se em textos e exercícios enviados via correios. Foi o curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Mato Grosso em 1995, a primeira graduação à distância criada no país em caráter experimental.

Vale frisar que antes da LDB já ocorriam cursos na modalidade EaD ofertados pela Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT, contudo, constituíam-se mais em uma perspectiva de caráter supletivo (telecursos), sendo que, a Universidade de Brasília - UNB já apresentava especializações e extensões por correspondência (MORAN, 2002). No âmbito das Políticas Públicas, o programa inicialmente intitulado “Salto para o Futuro”, posteriormente denominado “Um Salto para o Futuro”<sup>2</sup>, objetivava capacitar professores por meio da EaD e da educação continuada utilizando-se da televisão.

Chegou a abranger todo território nacional em meados de 1992, além de ter sido o primeiro a utilizar a metodologia EaD como meio de mediação, uma experiência pioneira no Estado de Sergipe (NUNES, 2015). Ao professor imerso em tal contexto, dinâmicas no que concerne ao seu planejamento e didática demandam particularidades próprias, diferenciadas das adotadas na presencialidade. O próprio assincronismo revela a necessidade da previsão de uma série de dúvidas e questionamentos que possam surgir no discente, sendo a construção de um roteiro que fomente a autonomia do aluno uma forte premissa de tal modalidade.

Outra realidade é o ensino remoto, alternativa temporária que se diferencia da modalidade EaD e que ganhou grande notoriedade em decorrência da adoção do distanciamento social ao redor do mundo como profilaxia à pandemia da Covid-19. Trata-se de um contexto mediado pela internet onde ocorre à comunicação entre discentes e seus professores de forma síncrona, ocorrendo ainda a disponibilização de conteúdos previamente gravados se necessário (ALVES, 2020).

Em ambos os casos, a de se falar na produção audiovisual de aulas, e, por conseguinte, a necessária apropriação de saberes informacionais para este fim, desde dispositivos de comunicação e produção de conteúdos digitais, até o pleno domínio de suas dinâmicas de uso.

---

<sup>2</sup> Destinado para 1ª a 4ª séries, buscava debater sobre diferentes tendências dentro da educação que visavam contribuir as práticas pedagógicas dos professores, fazendo uso de recursos interativos por meio da televisão, sendo veiculada em âmbito nacional pela Rede Brasil e Televisão, e mais especificamente em Sergipe pela TV Aperipê (NUNES, 2015, p.96-97).

Dentre os dispositivos que se configuram como tecnologias da informação e comunicação temos como exemplos *notebook*, *smartphone*, *smartwatch*, porém, como o acrônimo TIC abrange tecnologias mais antigas como a televisão e o jornal. Com elas vieram a surgir novos dispositivos de comunicação denominadas redes sociais, das quais, permitem que pessoas se reúnam em ambientes virtuais, muitas vezes através de assuntos em comum, sendo ainda natural o compartilhamento de fotos, mensagens textuais, etc.

Nesse panorama, no que se refere a vídeos destaca-se o YouTube. Criada por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, em 2005, e no ano seguinte comprada pelo Google por 1,65 bilhões de dólares. Atualmente, figura entre as marcas líderes de mídia e entretenimento, cotada em 47 bilhões de dólares (americanos) (JOHNSON, 2021b).

Trata-se aqui de uma rede social que possui como principal característica ser uma plataforma que hospeda conteúdos audiovisuais (mas não os produz) fomentados por meio de uma interface de fácil navegação, e que conforme Henry Jenkins (2006, p. 290) cria um ambiente onde “fãs e outros consumidores são convidados a participar ativamente da criação e circulação de novo conteúdo”, ganhando notoriedade à demanda de conteúdos publicados, algo que aumentou radicalmente enquanto também ocorria o crescimento do apetite consumidor por vídeos *on-line*. Tamanha é a relevância dessa *social media* no cotidiano de milhares de pessoas pelo mundo, atribui-se a mesma grande influência na construção e disseminação de informações, dentre estes, os saberes formais das esferas acadêmicas.

Na Figura 3 é exemplificado uso do YouTube, aqui adotada captura de tela (do inglês “*screen shot*”)<sup>3</sup> de um vídeo analisado de conteúdos 100% originais, e neste sentido, enquadrando-se ao formato (licença) denominado *Creative Commons*<sup>4</sup>, ou CC By, padrão usada pelos criadores de conteúdo para autorizar que terceiros

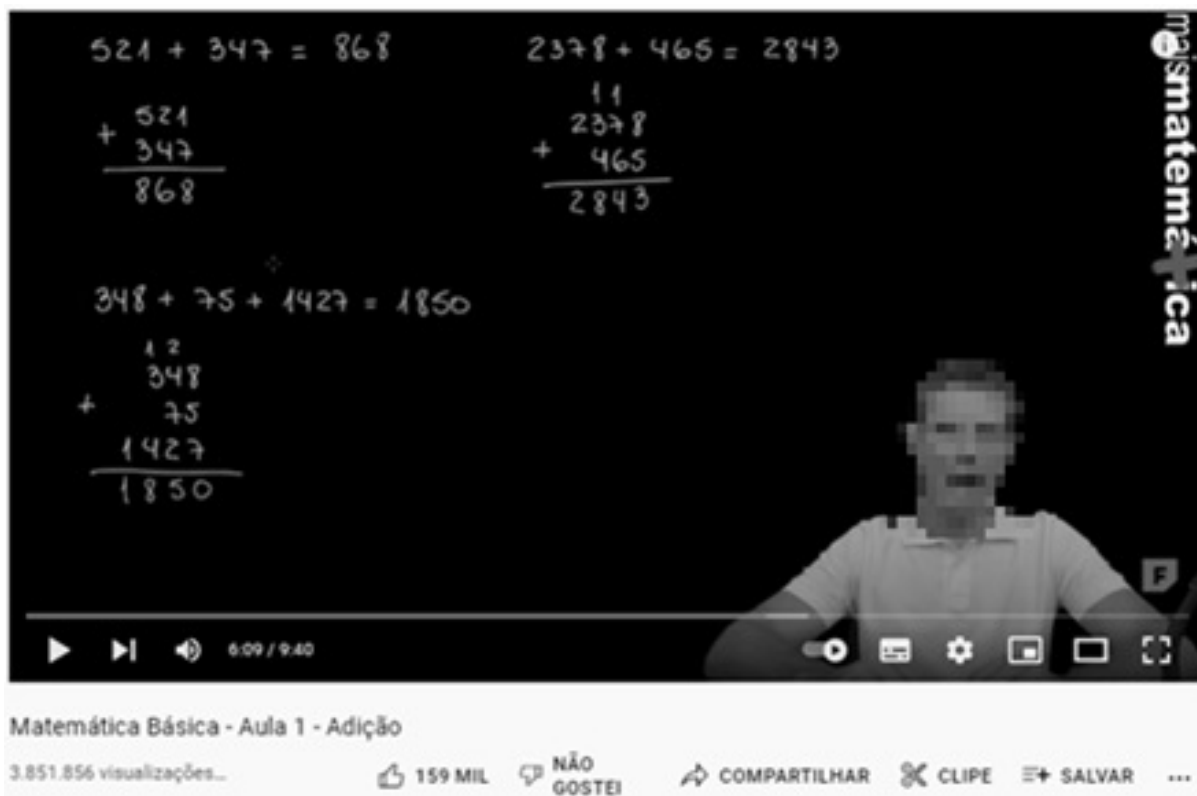
<sup>3</sup> Optando por ocultar os “nome” dos autores de comentários publicados, assim como a face de todos aqueles que se façam presentes em vídeos e/ou perfis.

<sup>4</sup> Creative Commons, YouTube. Disponível em: [www.youtube.com/yt/copyright/pt-BR/creative-commons.html](http://www.youtube.com/yt/copyright/pt-BR/creative-commons.html). Acesso em: 19 mar. 2022.



usem suas obras (GOOGLE, 2022). O vídeo original detentor da CC By permite a toda a comunidade do YouTube o direito de reutilizar e editá-lo.

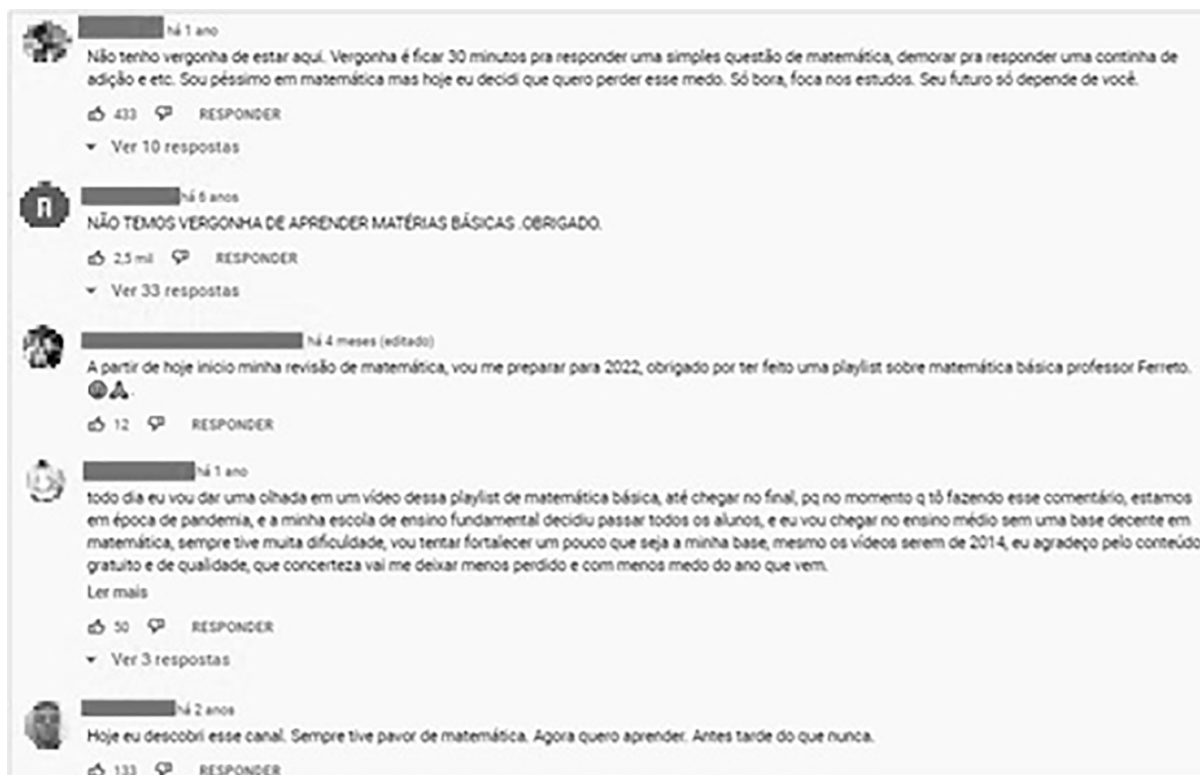
FIGURA 4 – Videoaula no Canal de YouTube: Ferreto Matemática.



Fonte: Matemática (2014).

Ao todo foram contabilizados 4.117 comentários, dentre os mais recentes foi identificado um a três dias anteriores à aferição. O YouTube permite o refinamento do ordenamento dos comentários nas opções: Mais recentes primeiro; Principais comentários. Dentre estes principais comentários optamos pelo recorte apresentado na Figura 5.

FIGURA 5 – Comentários dos usuários.



Fonte: Matemática (2014).

Verificam-se diferenças cronológicas entre os comentários publicados pelos múltiplos usuários, no recorte aqui utilizado como exemplo, apresentando um com mais de seis anos a data presente da aferição, em outro mais recentemente, constando um ano. Em certa medida, tudo depositado na *internet* torna-se “perpetuo”, a publicação utilizada como exemplo, uma videoaula publicada a mais oito anos atrás, até hoje gera impacto proporcionando um ensino ao reconfigurar o espaço/tempo.

### 3.2 Não presencialidade comunicativa

Para que um conteúdo postado tenha grande visibilidade dentre tantos outros existentes no ciberespaço, faz-se necessário, até certo ponto, ser construído de forma a atender características audiovisuais que gerem desejo aos espectadores, pois conforme filósofo contemporâneo Byung-Chul Han (2017, p.35)

O invisível não existe, pois não possui valor expositivo algum, não chama a atenção. O que vigora assim é o julgamento de gostar – *I like* (eu gosto) – não se faz necessário qualquer consideração mais vagarosa. A transparência caminha passo a passo com um vazio de sentido.

Conceitos abordados por Stuart Hall se mostram de grande relevância, a exemplo temos identificadas três posições hipotéticas (Hall salienta que estas devem ser empiricamente testadas e refinadas) a partir das quais a decodificação de um discurso televisivo pode ser construída: negociados, de oposição ou códigos dominantes (HALL, 2003).

A veiculação de aulas de conteúdos através da internet, independente se EaD, remota ou via YouTube, também se depara com a clara necessidade de decodificação de seus conteúdos por parte de seus usuários, sendo assim, estes indivíduos diferem-se entre si quanto às formas de compreensão das informações analisadas.

As leituras negociadas são provavelmente a com maior incidência, onde, a partir de ponderações, cedemos algo em razão de certos desejos fomentados ou não por aquelas informações a que o usuário se depara, visivelmente reverberando, por exemplo, nos *chats* do YouTube. Decodificar dentro da versão negociada conduz a reconhecer a legitimidade das definições hegemônicas para produzir as grandes significações (abstratas), ao passo que, em um nível mais restrito, situacional (localizado), faz suas próprias regras.

Existe ainda a possibilidade de objeção ao perfil negociável, que pode ou não entender o sentido que foi preferido na construção da informação apresentada. Configura-se como uma leitura sistemática do ponto de vista oposicionista. Acontecimentos que são normalmente significados e decodificados de maneira negociada começam a ter uma leitura contestatória. Aqui se trava a política da significação – a luta no discurso.

Por fim, o internauta a consumir uma conteúdos em uma rede social ou um discente inserido dentro de uma perspectiva EaD pode estar operando dentro do código dominante, este que se refere a uma produção de códigos profissionais

voltados a perpetuação da hegemonia, no qual segundo Hall (2003, p.400), trata-se do caso ideal-típico de “comunicação perfeitamente transparente”.

Os aparatos, relações e práticas de produção, aparecem sob a forma de veículos simbólicos constituídos dentro das regras de linguagem, além da forma discursiva que a circulação do produto se realiza, bem como permite que sua distribuição cubra diferentes audiências. Toda mídia, inclusive a digital, busca em alguma medida representar o mundo, em vez de apenas refleti-lo. Em outras palavras, segundo Buckingham (2010) ela apresenta determinadas interpretações, hora fazendo recortes da realidade e inevitavelmente agregando valores implícitos.

Quem está comunicando? Para quem? Por quê? São exemplos de questionamentos a serem formulados quando defronte a novos dados e informações, especialmente dentro do contexto digital, sendo sua produção e intencionalidade, pontos a serem indagados. Cabe aos usuários midiáticos serem capazes de avaliar o material em critérios de confiabilidade e tendência, sendo assim, trata-se da aquisição de “habilidade analítica e uma metalinguagem para descrever como funciona a língua” BUCKINGHAM (2010, p.50).

A consciência dos códigos e das convenções é de fundamental importância para aquisição da competência do letramento, transcendendo assim a compreensão da gramática. “Se nenhum sentido é apreendido, não pode haver consumo” (HALL, 2003, p. 388), perspectiva que se coaduna aos os três conceituais gerais que quase sempre são tidos como componentes essenciais do letramento midiático (ou digital)<sup>5</sup>, tratados até aqui: representação, produção e língua.

Por fim, um quarto conceito seria a própria audiência. Se há uma produção midiática sendo consumida, existe uma audiência que a consome. Saber como a “audiência é alvo da mídia e como diferentes audiências usam e respondem à mídia” ganha destaque nas reflexões de Buckingham (2010, p.50-51).

<sup>5</sup> O termo Letramento Digital designa certo nível de domínio das tecnologias digitais caracterizado pela capacidade de fazer uso das TIC em práticas sociais, extrapolando para além do letramento alfabético, como o “imagético, o sonoro, o informacional” (ALMEIDA; VALENTE, 2011, p.23). Assim, não se tratando aqui de um indivíduo reduzido somente a aprender a usar os computadores e/ou fazer pesquisas na *web*.

Dentro do ciberespaço, lançar luz a consciência de como os usuários têm acesso aos dados disponíveis na *internet*, assim como os mesmos são abordados e suggestionados, configura-se como meio útil de mapeamento para os estudos acerca das mídias digitais e seus métodos investigativos.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cara é a realidade aqui colocada em pauta, pois assim como dito por Kant (1999, p.23) “Uma boa educação é justamente a fonte de todo bem neste mundo”. Pensar em educação no século XXI é observar movimentos disruptivos, distanciando-se de práticas e processos educacionais engessados e cartesianos tão característicos de um passado não tão distante.

A prática docente em um não distanciamento enquanto docente de seus alunos é ato primordial ao desenvolvimento dos conhecimentos destes (FREIRE, 2019), sendo a busca pela compreensão das limitações vivenciadas pelos discentes, rica oportunidade de aprendizado ao profissional professor. A não presença física do emissor ou receptor demanda conhecimentos de ambas com vistas a adaptação ao meio adotado para a troca de informações, sendo o maior domínio dos dispositivos próprios da mídia adotada, de fundamental importância a baixa incidência de ruídos no processo de transmissão dos conteúdos trabalhados.

A consciência de que existe incompletude em ambas as partes, professor e aluno, propicia o aparecimento de espaços de diálogo, potentes contextos de mudança onde ao aluno são fomentados posicionamentos e opiniões com o objetivo de construir seus próprios aprendizados, cada qual, a partir das próprias particularidades decorrentes de suas trajetórias formativas. Senso de autonomia intrinsecamente associado à adesão aos modelos de ensino EaD e remoto, assim como, pelos milhares de usuários a navegar pelo ciberespaço.

Neste sentido, a partir de ponderações a leitura negociada, ao marcar posição perante as intencionalidades intrínsecas as produções hospedadas no ambiente

virtual, também se constitui fonte motriz as mudanças no ser internauta (HALL, 2003), haja vista a clara necessidade de compreensão do processo de consumo dos conteúdos digitais. A todo aquele que utilize do ambiente virtual recomenda-se avaliar de forma criteriosa, inclusive verificando a confiabilidade de toda informação, assim como destacado por Buckingham (2010), ao passo que se desenvolve no indivíduo habilidade como a criticidade, essa a permitir compreender o contexto a que está inserido (SANTAELLA, 2016).

O ato de comunicar é assim, ação, acima de tudo, promotora de trocas em um mútuo processo de (re)configuração das partes envolvidas, tão perceptível nos dias atuais onde consomem-se grandes quantidades de informações digitais, assim como, aos seus produtores demanda-se um contante refinamento de suas habilidades no comunicar e se fazer relevantes. Assim, conforme Tardif (2014), o saber do professor está relacionado com sua identidade, experiências de vida e história profissional, sendo de fundamental importância estudos relacionados a todos estes elementos constitutivos do trabalho docente, como o faz a dissertação a qual este artigo deriva.

Comunicar e ser compreendido é ideia basilar, contudo, para além da transmissão de uma informação consciente do meio e código mais adequado, é necessário ater-se às peculiaridades no ato de ensinar quando mediado pelo digital, cabendo a apreciação dos *feedbacks* de seu público, alunado, com vista a um constante processo de aperfeiçoamento de técnicas enquanto produtor de aulas virtuais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, MEB de; VALENTE, José Armando. **Tecnologias e currículo**: trajetórias convergentes ou divergentes. São Paulo: Paulus, v. 1, p. 93, 2011.

ALVES, Lynn. **Educação remota**: entre a ilusão e a realidade. Interfaces Científicas – Educação, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020.

BRASIL. LDB. **Lei 9394/96** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 18 jul. 2021.

- BUCKINGHAM, David. **Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez., 2010.
- CHAVES, Lúcio Edi. **Gerenciamento da comunicação em projetos**. Editora FGV, 2015.
- COUTINHO, C. P. **Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas**. Leya, 2014.
- DO VALLE, André Bittencourt. **Fundamentos do gerenciamento de projetos**. Editora FGV, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 68ª ed. São Paulo: Paz e terra, 2019.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.
- GOOGLE. **Ajuda do YouTube**: Crative Commons. 2022. Disponível em: <https://support.google.com/youtube/answer/2797468>. Acesso em: 19 mar. 2022.
- HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. Pac. Teoria da Recepção, p.353 a 404.
- HAN, BYUNG-Chul. **Sociedade da Transparência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- JENKINS, Henry. **Fans, bloggers and gamers: exploring participatory culture**. New York: New York University, 2006.
- JOHNSON, Joseph. **Hours of video uploaded to YouTube every minute as of February 2020**. Statista, Set/2021b. Disponível em <https://www.statista.com/statistics/259477/hours-of-video-uploaded-to-youtube-every-minute/>. Acesso em: 8 out. 2021.
- KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução: João Tiago Proença. Edições 70, LDS. Lisboa. Portugal. 1999.
- MELO, Mariana Machado. **O Impacto das Novas Tecnologias da Comunicação na Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 2000.
- MATEMÁTICA Básica - Aula 1 - Adição. [S. l.: s. n.]. 2 abr. 2014. 1 vídeo (580 min ). Publicado pelo canal Matemática com Ferreto Matemática. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=az6OYFS7AUA>. Acesso em: 15 mai. 2022.
- MATOS, Gustavo G. **Comunicação Empresarial sem complicação: como facilitar a comunicação na empresa, pela via da cultura e do diálogo**. 2.ed.(Revisada e Ampliada). Barueri, são Paulo: manole, 2009.
- MORAN, J. M. **A educação superior a distância no Brasil**. In: SOARES, Maria Susana A. (Org.). **A educação superior no Brasil**. Instituto Internacional para a Educação Superior na América Latina e no Caribe IESALC –Unesco, Caracas; Porto Alegre, 2002. p. 273-301.
- MULCAHY, Rita. Preparatório para Exame de PMP. Tradução: Roberto Pons, PMP. 5. Ed.2008.
- NUNES, Andréa Karla F. **Políticas Públicas e TIC na Educação: dite Sergipe 1994 a 2007**. Aracaju: EdUnit, 2015.

PRIBERAM, Dicionário. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (on-line). 2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 13 abr. 2023.

PROJECT MANAGEMENT INSTITUTE. **Um Guia do Conhecimento em Gerenciamento de Projetos (Guia PMBOK)**. 5 ed.: PMI, 2013.

SANTAELLA, Lucia. O paradigma do sensível na Comunicação. **Revista Comunicação Midiática**, v. 11, n. 1, p. p. 17-28, 2016.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Editora Vozes Limitada, 2014.





## Filipe Antônio Araújo Moura

Mestre em Educação PROSUP/CNPq - CAPES, especialista em Gestão de Projetos e graduado em Matemática, licenciatura plena pela Universidade Tiradentes - UNIT. Pesquisador vinculado ao Grupo de Pesquisa Docência, Avaliação, Currículo e Contemporaneidade, GPDACC/PPED/UNIT.

E-mail: [fmoura.araujo@gmail.com](mailto:fmoura.araujo@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0003-2884-6756>

## Andrea Karla Ferreira Nunes

Pós-Doutoramento em Educação pela Universidade de Salamanca – Espanha. Doutorado e Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes na linha de Pesquisa Educação e Formação Docente e líder do GPDACC/PPED/UNIT.

E-mail: [andreaknunes@gmail.com](mailto:andreaknunes@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-5833-2441>